

Resumo

**“NARRADORES TROCANDO FIGURINHAS”: AS ESTAMPAS EUCALOL
COMO SUPORTE DE MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES.**

Wagner Antonio Rizzo

(Universidade de Brasília, doutor, wagner.rizzo@gmail.com)

Maria Thereza Negrão de Mello

(Universidade de Brasília, doutora, therezanegrao@gmail.com)

Retomando problematizações desenvolvidas em tese doutoral, defendida junto ao PPGHIS, da Universidade de Brasília, no 1º/2009, tomou-se como objeto as Estampas Eucalol, artefato cultural para consumidores de sabonetes e creme dental, desde os idos de 1920 até meados dos anos 60. Cenarizando uma experiência urbana, parte-se da convicção de que no balizamento temporal considerado, a cidade do Rio de Janeiro configurava-se como metonímia do Brasil. Entrecruzando fontes iconográficas, fontes escritas e fontes orais foi possível desenhar uma história interdisciplinar que transita entre o universo da Imprensa e das Artes Gráficas no Brasil, a Publicidade e nexos entre a História Cultural e a Comunicação, no viés da encenação cotidiana. O estudo, ora cobrou do pesquisador o papel de “escrevinhador” – feliz expressão de Vargas Lhosa –, ora inspirou-se no “escutador”, bem situado por Bosi. Para este X Encontro Nacional de História Oral selecionamos parte das fontes buscadas nos depoimentos de um conjunto de narradores, cujos diversos lugares de fala guardam em comum memórias que, ativadas em torno das Estampas Eucalol, redesenham no Tempo Presente experiências passadas e deixam entrever um exuberante feixe de representações.

Palavras-chave: Estampas Eucalol, Narradores, Representações.

**“NARRADORES TROCANDO FIGURINHAS”: AS ESTAMPAS EUCALOL
COMO SUPORTE DE MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES.**

Wagner Antonio Rizzo

Universidade de Brasília
wagner.rizzo@gmail.com

Maria Thereza Negrão de Mello

Universidade de Brasília
therezanegrao@gmail.com

“Quem comanda a narração não é a voz, é o ouvido” (BOSI, 1994.)

A cenografia considerada é o Brasil urbano e, de modo mais pontual a cidade do Rio de Janeiro, aqui enfocada, em momentos de reconfigurações fisionômicas que, informadas por uma incipiente Indústria Cultural, pelo menos a partir dos anos 20 do século passado, conferiram à Publicidade um lugar de destaque, ancorado em suportes midiáticos, como o rádio, as revistas, o cinema e o mercado fonográfico. E é em um dos pontos de inflexão deste processo, sublinhadamente marcado por inovações tecnológi-

cas e matrizes da modernidade, que aflora o objeto desta comunicação - As Estampas Eucalol, artefato cultural então disponível aos consumidores de produtos da Empresa Myrta - sabonete e creme dental.

O que aqui se problematiza é, justamente, esse percurso das Estampas Eucalol e sua permanência, não obstante o declínio e fechamento da Empresa. Antes pensadas como excelente estratégia de mercado, cujas condições o estudo busca sondar, as Estampas Eucalol, deslizaram do produto, de modo a assegurar, com vida própria, seu lugar na memória de muitos, posto que acionadoras de imaginários, fonte de inspiração poética, catálogo, referência de qualidade gráfica, motivadoras de colecionismo, enfim, de variadas maneiras inscrevendo-se na fisionomia da cena brasileira em temporalidades múltiplas e propondo perguntas.

Tais reflexões resumem, aliás, a motivação para a retomada de um dos argumentos da tese na qual se baseia este texto, cujo vaivém de temporalidades múltiplas propõe e repropõe perguntas. Elas interrogam sobre o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, estilo de vida e reconfigurações na encenação cotidiana dos atores que a povoam, interpelados pelas novas tecnologias.

Nesta ambiência cabe destacar as Estampas Eucalol e buscar no acompanhamento de sua trajetória, elementos para um estudo voltado para o representacional e seu papel nas articulações entre temporalidades. Afinal,

“tudo se passa pela representação: é a placa giratória entre o passado e presente, entre vigília e sonho. Assim, embora percepção do real se oponha às visões imaginárias, a representação é o ato constitutivo idêntico e radical do real e do imaginário” (MORIN, 1970, pp.105-106.)

Na verdade, nosso objetivo neste espaço, aparta-se da idéia de uma apresentação do “resumo da tese”. O interesse principal é, ao ensejo de um encontro de pesquisadores envolvidos com a História Oral, dar visibilidade a uma experiência auspiciosa quanto à utilização de fontes orais, aqui consubstanciada nas falas de um conjunto de narradores. A iniciativa cobrou-nos, além da seleção de narradores, a retomada de uma agenda teórica constitutivamente interdisciplinar com vistas a um necessário diálogo no qual experiência e memória se destacaram como eixos norteadores.

Mesmo não tendo a intenção de apresentar um resumo conforme acima esclarecido, permanece a necessidade de oferecer aos possíveis leitores um painel mais amplo do objeto e a maneira pela qual foi desenvolvido originalmente para, a partir daí, lançar um olhar mais detido sobre as falas dos narradores. Se pensarmos em pontos de inflexão que se destacam no recorte temporal e suas flexibilizações, a imagem do porto parece pertinente. Assim, um primeiro desembarque ensejou-nos uma permanência na cidade do Rio de Janeiro até os finais da República. A cenografia mostrou-nos, por exemplo, a importância da Pintura Histórica como suporte para uma identidade nacional, e, neste aspecto, o diálogo texto e imagem, e, nesta última, Estampas, sublinharam as representações de uma arte a serviço da biografia da Nação.

No porto seguinte, na *Belle Époque*, deparamo-nos com o Rio de Janeiro do “bota abaixo”, num cenário consoante com a matriz da idéia civilizatória, ao tempo em que, o empenho no sentido de “Consolidar a Nação/Construir a Nação” (CHAUÍ, 1985, p.99) encontrava limites impostos pela própria fragilidade da nascente República. Mas naquela quadra histórica, os guizos dos loucos e desterritorializados anos da *Belle Époque* tupiniquim, a ambiência festiva parecia dar o tom.

Observamos também que naquele momento a Empresa Myrta é fundada e os reclames dos seus produtos de higiene já povoam os jornais e revistas.

Dos vertiginosos anos da *Belle Époque* trouxemos na bagagem um rico acervo constituído da convivência entre manifestações da cultura de elite e a cultura popular. Portanto, trouxemos, uma inesquecível paisagem sonora plural, imenso concerto no qual tinha um lugar o *ragtime*, o *fox-trot*, ao lado de expressões musicais brasileiras, pois o samba pede passagem. Trouxemos também peças de uma indumentária cuja pluralidade de estilos fez conviver a moda antiga com a nova, resultante das transformações do estilo de vida. Vestidos longos e apertados, melindrosas descontraídas com seus cabelos cortados à *la garçon*. Tudo moderno, muito moderno e não por acaso, as imagens da Semana de Arte Moderna, ponto de inflexão no período.

Mas, “as crises nunca foram apenas econômicas” e a *débâcle* de 1929 repercutiu seus efeitos econômicos e políticos no Brasil. A jovem e claudicante República conhece na Revolução de 30, mais um ponto de inflexão. Flagramos na fisionomia que se redesenha entre 30 e 50, o deslanche dos Meios de Comunicação de Massa e principalmente o rádio. Na esteira de uma já robusta Indústria Cultural pudemos montar uma história do período, percorrendo uma rede de conexões cujos elos articulam o rádio, o cinema, o teatro, o mercado fonográfico e a imprensa, em plena atmosfera do Estado Novo e, no pós-guerra os ventos da redemocratização.

Preservando a metáfora do porto, nesta altura da viagem, às fontes até então utilizadas (documentação de época, fontes iconográficas), agregamos o instrumental das fontes orais, priorizando-o. Por isso foi o momento de dar passagem aos narradores que também nos acompanharam na viagem até o último porto. Distribuída em blocos, a tripulação dos narradores nos ensinou ouvir tipógrafos, publicitários e o grupo que identificamos, mais por conta de um ajuste organizacional, como o dos Colecionadores de Memórias.

Não nos tendo sido possível a retomada do núcleo de narradores de entrevistados em sua totalidade, conforme aparece na tese, (31 depoimentos trabalhados) e levando-se em conta as aproximações com este Simpósio temático, a seleção recaiu para o Colecionismo e o incrível universo dos narradores-colecionadores, opção que desenvolvemos a seguir.

“Cada coleção é um teatro da memória”

“Cada coleção é um teatro de memória, um *mise-en-scène* de passados pessoais e coletivos, de uma infância lembrada e da lembrança após a morte. Ela garante a presença dessas lembranças por meio de objetos que a evocam. É mais do que uma presença simbólica, é uma transubstanciação” (BLOM, 2003, p.219).

Relendo, recortando, retomando fichas e arquivos, selecionando e colecionando, a conduta adotada para a elaboração do presente trabalho acabou apontando para a escolha de quatro colecionadores das Estampas Eucalol para aqui comparecerem. Antes, porém, uma breve reflexão sobre a prática do Colecionismo que tanto interesse despertou em Blom, autor da epígrafe escolhida para a abertura deste item e também Benjamin com sua sensível reflexão sobre o mundo infantil, os brinquedos e a literatura (BENJAMIN, 1996. pp.235-253).

Cabe também lembrar, nesta breve referência ao Colecionismo, a abordagem do antropólogo James Clifford. Ele fala das coleções das crianças como rituais, exercícios do indivíduo para se apropriar do mundo, mas pode-se e deve-se, fazer do gesto de

“selecionar, ordenar, classificar [...] para fazer boas coleções”. E prossegue “o bom colecionador tem bom-gosto e é reflexivo. A acumulação se desdobra de maneira pedagógica e edificante” (1994, p.69). De fato, como pretendemos evidenciar a seguir, cada narrador-colecionador, “tem bom-gosto e é reflexivo”. A beleza das narrativas chega a sugerir do pesquisador a condição de um “escutador infinito” (BOSI, 1994). Mas não haveria espaço para todos ou, mesmo para os selecionados, lugar para transcrições totais. A alternativa foi tomar, de cada narrador, fragmentos mais significativos, fornecendo assim ao leitor, elementos para a composição de um mosaico.

Começamos a roda de prosa e quem a abre é Hélio Contreiras, em entrevista realizada em sua residência, em 11/08/2007, no Rio de Janeiro, RJ.

Hélio Contreiras: a memória como suporte de inspiração poética

“Meu encontro com as Estampas Eucalol se deu nos anos de 1950. Morávamos numa casa muito grande, que tinha um quintal maior ainda. Então, uma família muito numerosa, nós somos ainda hoje dez irmãos. As férias nós passávamos no quintal, jaqueira, mangueira, sapotizeiro, bananeira, brincando no quintal”.

Este cenário cotidiano retomado pelo jornalista e compositor reproduz no suporte da prosa, da narrativa informal o ambiente tão bem retratado na música de sua autoria, Estampas Eucalol. Trata-se da “paisagem afetiva” (HELD, 1980, p.78). Por outra parte, a narrativa é atravessada também por elementos do universo mitológico, ou seja, “reiteradas referências à mitologia helênica [que] bem traduzem ressonâncias dessa grade de enunciações que integra o encontro homem-mundo e, matizando nossas representações, configuram esse ‘antiquíssimo de nós’ como indelével matriz de sentido”. (NEGRÃO, 1999, p.161) Bem se vê que a referência ao “antiquíssimo de nós” evidencia um encontro com um mundo pleno de significação e simbolismo, no qual se esculpe o “o horizonte mítico do ser”. (BASTOS, 1992).

Contreiras falou também sobre seu gosto pela leitura e também pela prática do colecionismo.

“... aos domingos à tarde, a gente fazia a chamada retreta, meu pai abria a janela da sala de visita a janela e o povo da rua ficava ouvindo, era muito bonito. Então por conta da Estampas Eucalol que vinham no sabonete a gente coleciona, e eu, além do cheiro saboroso do sabonete, eu gostava muito de ler. Lá em casa se lia muito e era família socialista, se lia muito. E eu travei, então, contato com as Estampas Eucalol”.

“Colecionava, trocava com os meninos também que tinham a coleção. E particularmente me impressionou a mitologia grega, que eu conhecia, de certa forma, através de Monteiro Lobato. Os dozes trabalhos de Hércules, ...o grande Monteiro Lobato. Enfim aí me veio a idéia, me veio a inspiração de aproveitando aquela coleção da mitologia grega dos heróis grego, Teseu, Perseu, Hércules, eu rememorar essa época das estampas Eucalol. Então fiz essa música que saiu naturalmente”.

Na saga imaginária descrita no discurso musicado, o pequeno herói se empenha em salvar a moça, a professora. Então, em um momento da entrevista o narrador abre sua fala com uma pergunta:

“Quem é que não foi apaixonado pela professora? Tinha uma professora Nilda Campos, tinha uma outra também era a professora Helena Parente, que era menino ou meninote e era apaixonado pela professora e ai dessa

junção com a mitologia grega, com os heróis gregos, e a professora ... um purista disse, mas não é rei Lear, é rei Liar...mas tem que rimar. Minha ligação com estampas Eucalol vem daí.”

Ainda que sem preensões de uma análise mais adensada da letra da música Estampas Eucalol, aqui entendida como um discurso musicado, achamos importante a transcrição:

Estampas Eucalol
Montado no meu cavalo
Libertava Prometeu
Toureava o Minotauro
Era amigo de Teseu
Viajava o mundo inteiro
Nas estampas eucalol
A sombra de um abacateiro
Ícaro fugia do sol.
Subia o monte Olimpo
Ribanceira lá do quintal
Mergulhava até netuno
No oceano abissal
São Jorge ia prá lua
Lutar contra o dragão
São Jorge quase morria
Mas eu lhe dava a mão
E voltava trazendo a moça
Com quem ia me casar
Era minha professora
Que roubei do Rei Lear.

E muito, muito mais mesmo, rendeu esta prosa com Contreiras. Vale a pena incluir a reflexão do autor, já quase ao final de nossa entrevista:

“Essa é uma música que é atemporal, porque ela não envelhece. Eu lembro que eu estava lá cantando em Brasília, naquele restaurante muito bom, que tem uma atividade musical excelente, não sei se continua ainda, isso tem o que uns oito anos, alias, editava uma revista maravilhosa. Depois também ele parou de editar, mais como é o nome do restaurante? Era não sei o que Mineiro. Feitiço Mineiro, exatamente. E aí estava lá cantando no Feitiço Mineiro e tinha uma senhora, mais ou menos, uns quarentas anos e ela estava bem na frente e emocionada quando eu cantei Estampas Eucalol, ela não se agüentou, subiu ao palco e me abraçou me deu um beijo e disse: “essa música embalou minha filha quando ela era pequenininha”. Porque essa música não morre, ela é atemporal, eu fiz essa música o que tem uns vinte anos ou mais por aí. Mas é isso meu caro, a história é essa”.

Na despedida, momentos da longa entrevista parecem dialogar com interlocutores buscados em obras alhures, tantas vezes lidas por ocasião dos Seminários teóricos. Sem dúvida:

toda a recordação tende a objetivar-se numa narrativa coerente que, em retrospectiva, domestica o aleatório, o casual, os efeitos perversos do real-passado quando este foi presente, atuando como se, no caminho, não existissem buracos negros deixados pelo esquecimento. Em certa medida, ela [a memória] é uma previsão ao contrário. (CATROGA, 2001, p.46).

Samuel Gorberg, um colecionador-pesquisador

Samuel Gorberg foi entrevistado em sua residência, em 13/08/2007, no Rio de Janeiro, RJ.

O escritor e colecionador, nascido em 37 recorda-se de sua infância, nos idos 43, 44, 45 e o que faziam as crianças nesses anos, muito futebol, bola na rua, colecionar figurinhas.

“Quando criança não tinha a idéia de sistema, como fazer de forma sistemática, concordável, gostava de selos, eu sempre adorei esse papelzinho de colecionar, de guardar o selo, como a vontade simplesmente de ter uma coisa organizada, mas sem maiores especulações no futuro. As imagens das Estampas da série da humanidade, até hoje eu me lembro da cidade de Petra é uma das imagens que eu me lembro agora, com essa eleição, o Taj Mahal são coisas que já tinha nas estampas Eucalol. Deixar registrado é uma preservação de memórias históricas. Hoje em dia muito poucas pessoas sabem o que foram as Estampas Eucalol. A não ser quem circula pelo setor de colecionismo tem conhecimento, mas as demais pessoas nem sabe que isso existia. Ai deu vontade de deixar isso registrado. Então pelo menos em termos de papel, porque a informática, a internet é um meio muito mais fácil, agora muito mais volátil então, hoje em dia, você tem um site, amanhã, não. O papel, não, esta ali aquele livro, você tem livro de duzentos anos, trezentos anos, esta ali”.

De modo quase didático Gorberg fala com desenvoltura própria do conhecedor e fornece assim informações de valor inestimável para a pesquisa.

“As Estampas Eucalol, elas foram fruto do conhecimento, do uso externo que eram dos donos da Myrta. Tinha um sucesso estrangeiro que eram as Estampas Liebig. Essas Estampas Liebig, como estampas são até hoje as mais famosas do mundo, elas tiveram uma vida de cem anos, e começaram em 1865. Da Eucalol, tiveram nas lendas Brasileiras, muitas séries e eu adorava aquilo, realmente, eu lia aquilo tudo, para mim era fantástico. Um detalhe, eu coloco isso no livro, algumas dessas séries, as idéias eles pegaram de livros publicados que eu consegui localizar num sebo, em Nova York, eu tenho os livros com as imagens e as Estampas Eucalol, é igualzinho. As imagens das Estampas da série da humanidade, até hoje eu me lembro da cidade de Petra é uma das imagens que eu me lembro agora. Deixar registrado é uma preservação de memórias históricas. Hoje em dia muito poucas pessoas sabem o que foram as Estampas Eucalol”.

Sobre este aspecto, informações muito precisas aparecem na obra do nosso narrador:

No segundo semestre de 1917 o imigrante judeu alemão PAULO STERN decide se estabelecer com a indústria e comércio de essências na Rua São Pedro. Esta rua, que tinha o seu nome em virtude de na mesma estar localizada a Igreja de São Pedro dos Clérigos [...] Preocupado com a

animosidade existente na época contra os alemães, PAULO STERN registra a empresa com o nome CORREA DA SILVA & CIA, que era o da brasileira com a qual vivia [...] Em 1919 aqui chega o irmão RICARDO STERN que ingressa na sociedade e a mesma tem a sua razão social alterada para PAULO STERN & CIA. [...] Os sócios PAULO e RICARDO STERN, embalados pelo surto de progresso existente no país e no Rio de Janeiro, planejam...a construção de uma fábrica, onde seriam manufaturados produtos de toilette – sabonete, talco, pasta de dentes, sabão de barba, pó de arroz e petróleo, que era usado para assentar o cabelo.[...] Devidamente instalada, a empresa adotou PERFUMARIA MYRTA como nome de fantasia, e partiu para o lançamento de uma linha de produtos baseada no eucalipto, a qual foi denominada de EUCALOL (GORBERG, 2000, pp.1-5).

Mas a transcrição acima constitui apenas um parêntese que, em benefício da clareza, optamos por “enxertar” retomando em seguida trechos da entrevista realizada com Gorberg.

“A não ser quem circula pelo setor de colecionismo tem conhecimento, mas as demais pessoas nem sabem que isso existia. Ai deu vontade de deixar isso registrado. Então pelo menos em termos de papel, porque a informática, a internet é um meio muito mais fácil, agora muito mais volátil então, hoje em dia, você tem um site, amanhã, não.”

O tom apaixonado que envolve a fala do narrador atravessa a entrevista como um todo da qual o fragmento discursivo acima é apenas um exemplo. De fato, fora do universo dos colecionadores e da memória de mais de uma geração cujo cotidiano da infância incluiu as Estampas Eucalol, um grande número de pessoas jamais as conheceu. Entretanto, vale recordar que pelo em mais de um aspecto esta constatação sugere perguntas. Afinal, ainda que para um contingente específico as Estampas Eucalol parecem não ter esgotado sua expressão e importância com o encerramento de sua veiculação. Em outras palavras, refere-se aqui a um percurso das Estampas Eucalol e sua permanência, não obstante o declínio da própria empresa Myrta. Elas como que deslizaram do produto, de modo a assegurar, com vida própria, seu lugar na memória de muitos. Neste aspecto, ao pensá-las como fonte de inspiração poética, cabe lembrar a narrativa de Contreiras referindo-se aos conhecedores da canção cuja experiência de infância não incluiu as Estampas.

José Gomes de Sá Dezinho

Ainda colhendo subsídios para a pesquisa, chega agora o momento de convocar o depoimento de outro narrador. Abrimos a seguir um espaço para José Gomes de Sá Dezinho. Cabe esclarecer que a narrativa nos chegou tendo como suporte uma gravação em CD-Rom. Vamos a ela, como se verá, bela narrativa enviada por Dezinho para participar do Concurso da Terceira Idade, do Banco Real.

“Vê-se cara, não coração”.

“Os primeiros anos da década de 50, ainda não tínhamos, no interior pernambucano, o instrutivo, o informativo e extraordinário passatempo, o áudio visual televisivo, isso já elimina o vídeo K7 e o DVD. Cinema somente nas grandes cidades. Até mesmo o rádio ou a radiola não eram tão populares, já que, apenas as pessoas de alto poder aquisitivo é os que podiam adquirir”.

“Assim sendo, ficava para as crianças e os adolescentes pobres, os quais às vezes faltava até mesmo o necessário, os divertimentos mais comuns e ao alcance de todos. O futebol com a bola de meia, a peteca de palha de milho, o carrinho de madeira e de latas, feitos quase sempre pelos próprios meninos, bolas de gude, pião, ioiô, papagaio, bonecas de pano e as mais tradicionais brincadeiras de roda. Mas havia algo que prendia sobremaneira a atenção da meninada: as coleções”.

“Colecionava-se de tudo, pois, eram abundantes as firmas a distribuírem brindes, os mais diversos, a fim de propagarem os seus produtos e os seus nomes. Mesmo as pequenas mercearias ofereciam lápis, caixa de fósforos ou chaveiros falando sobre o que era objeto de suas vendas e dando o seu endereço”.

“Uma certa fábrica de café distribuía dentro de suas embalagens, belíssimas cédulas coloridas como se fossem moedas de curso legal. Em muitos bombons encontrávamos figurinhas bonitas e interessantes que deveriam ser colocadas em álbuns para que ao completá-los pudéssemos trocá-los por prêmios. Em alguns casos até não davam bons prêmios, mas era gratificante consegui-los e guardá-los porque traziam fotos dos mais famosos artistas do rádio e do cinema. Havia também o corre-corre a todas as farmácias no final de cada ano, a fim de conseguir um almanaque, um dos melhores passatempos de transmissor de conhecimentos na época, recheados de entretenimentos com piadas, charadas, palavras cruzadas, cartas enigmáticas, adivinhações, informações sobre-o tempo, as marés e mais um mundo de curiosidades, além é claro da divulgação do que fabricavam os laboratórios farmacêuticos. Ficaram famosos os almanaques do Biotônico Fontoura, o mais célebre de todos, o Capivarol, o Bayer, o Cabeça de Leão, ou A saúde da Mulher”.

“O sabonete Lever trazia nas suas caixas os retratos de artistas de cinema americano e que eram muito disputados. Porém uma coleção se destacava sobre as demais: as das estampas do sabonete Eucalol. A Perfumaria Myrta que fabricava os produtos Eucalol, talco, sabonete, creme dental, petróleo, pó de arroz, sabão barba, creme de beleza e loção facial e ainda uma infinidade de outros, com os nomes mais diversos. Distribuía as famosas estampas Eucalol, nas caixas dos sabonetes que trazia três delas e na do creme dental apenas uma. Eram as mais instrutivas, belas e cobiçadas figurinhas que conseguiram atravessar longos anos, pois, o início de sua publicação se deu na década de 20, e o seu encerramento no ano de 1957. Alguns de seus temas dão uma idéia de sua importância e valor cultural: Lendas do Brasil, As danças através do Mundo, curiosidades Mundiais, Celebidades da Tela, Lendas da Antiguidade, fatos decisivos na História do mundo, Uniformes do Brasil, escotismo, História do Brasil, Viagem Pitoresca através dos Continentes. Todas as outras coleções eram desfeitas, perdidas, vendidas, jogadas fora, dadas, deixadas de lado. Mas os que colecionavam as estampas Eucalol as guardavam como se guardam uma preciosidade.”

Como que compondo um belíssimo e sensível cromô Dezinho prossegue em sua narrativa cenarizada na cidade de Limoeiro, em Pernambuco, nos idos de 1953. Tendo como personagens principais um jovem apaixonado pelas Estampas Eucalol e um sargento cujo perfil se ajustava perfeitamente ao estereótipo do homem durão sempre vociferando palavras de ordem “direita volver, esquerda volver...” e a trama se tece pelas mãos hábeis de Dezinho até alcançar o momento em que o jovem colecionador acaba conseguindo, com as benesses da genitora, o dinheiro para a compra da coleção de Estampas Eucalol. Quem as vendia? – O mesmo sargento durão que, naquele

momento derramava “abundantes e sentidas lágrimas. Bem que diz o velho adágio: vê-se cara, não coração”.

A mesma paixão parece embalar a memória de Athos Eichler Cardoso, quando acionada por vetores que entrecruzam infância, Estampas Eucalol e colecionismo. Foi muito bom ouvi-lo, por ocasião da entrevista realizada na residência de Athos, em 25/07/2007, em Brasília, DF. Vamos ouvi-lo.

Athos Eichler Cardoso

“Meu nome é Athos Eichler Cardoso, eu fiz 73 anos, no dia 12 de junho, nasci em 1934 e peguei não exatamente a época de ouro, pelo menos não cheguei a pegar, mas peguei um rescaldo bom da época de ouro. Essa fase da história de quadrinho começou exatamente em 1934 a grande produção de quadrinhos. Eu tinha nascido, mas em 40 já estava lendo, pelo menos vendo figuras e pude testemunhar esse desenvolvimento”.

Esta abertura é bastante reveladora do interesse de Athos pelos quadrinhos, outra de suas paixões, que o acompanha ainda hoje como estudioso, pesquisador e escritor. Athos descreve seu primeiro contato com as Estampas Eucalol:

“... meu pai foi transferido para Recife e lá em Recife que eu tive contato com as Estampas Eucalol até 45, de 45 voltei de novo para Porto Alegre, de Porto Alegre eu tive mais contato ainda com as Estampas. E a Estampa era uma coisa importante na época nesse aspecto cultural, no aspecto lúdico, tinha tudo: índio, as Sete Maravilhas do Mundo, que todo mundo conhecia, em função das Estampas Eucalol, porque fora essa parte ilustrada do Tico-Tico, o Tesouro da Juventude que era muito importante, eu não me lembro de algo didático com riqueza de detalhes de colorido como eram as Estampas. Meu pai, naquela época era capitão, classe média, eu tenho a impressão que o sabonete Eucalol era um sabonete mais caro porque ele vinha já, vendia separado, mas, também, geralmente, vinha em caixa de três sabonetes e no fundo da caixa vinham três estampas, eu tenho a impressão que era isso, mas essas estampas circulavam muito, todo mundo colecionava, era uma época que colecionavam fósforos, caixinhas de fósforos, rótulo e maço de cigarros e colavam aquilo no caderno e havia muita troca. Nesses tempos aí estava sem dúvida, foi um dado muito importante as Estampas do sabonete Eucalol. Que também era muito fácil de guardar na bolsa, era durinha, guardava com facilidade e não estragava não, não amassava. E era muita importância da Estampa Eucalol, não tinha enciclopédia. Então ali era uma coisa que circulava, atraía e culturalmente era importantíssimo nessa época”.

E a longa conversa com Athos é entremeada também pelos relatos de memória de um cotidiano urbano, em um momento em que o rádio reinava soberano e as revistas em quadrinho despontavam no mercado como, por exemplo, o Globo Juvenil e o Suplemento Juvenil Gibi. Aos domingos, cinema, às vezes dois filmes, os desenhos animados, o jornal e o seriado. Em plena Era de Vargas um nacionalismo exacerbado se inscreve como ponto de inflexão sob a égide da “mitologia verde-amarela” (CHAUI, 1985, p.93).

Não por acaso, para destacarmos um exemplo de interação entre fontes, as referências de Athos sobre o rádio dialogam com informações obtidas em uma estante de obras temporalmente balizadas entre os anos 30 e 40. O 12 de setembro de 1946 é

data que se inscreve na memória da radiofonia brasileira. Era inaugurada uma escalada que, em breve, situaria a Rádio Nacional como um importante vetor na construção de uma identidade carioca, suporte sonoro da cidade do Rio de Janeiro e veículo do sublinhamento da fisionomia da cidade como metonímia do Brasil. Em uma tarde de domingo, 15 de setembro de 1940, empresas patrocinadoras asseguraram o sucesso da programação “Os produtos Eucalol ofereceram {...} Instantâneos Sonoros do Brasil, nesta noite com Congadas, apresentando ‘quadro impressionista’ – trabalho de Almirante e José Mauro, com arranjos de Radamés. (SAROLDI, 2005, p.60.)

Histórias “enredadas em histórias”

Conforme afirmamos anteriormente muitos outros narradores nos acompanharam nesta viagem. Distribuídos em blocos a tripulação dos narradores incluiu a escuta de tipógrafos, publicitários, artistas gráficos e o dos colecionadores de memórias, tendo selecionado deste último grupo os narradores presentes neste trabalho.

Na tese doutoral (RIZZO, 2009) que forneceu subsídios para esta apresentação, o primeiro capítulo destaca referenciais teórico-metodológicos selecionados para iluminar a base empírica inventariada. Esta constituída de fontes plurais (fontes escritas, iconográficas, fonográficas e fontes orais) sendo que, como se viu, aqui privilegiamos um recorte composto de depoimentos orais.

Coerentes com nossa Área de Concentração, História Cultural e sua vocação interdisciplinar, em sintonia com a Linha de Pesquisa: Identidades, Tradições, Processos, pretendemos contar uma história, na convicção de inspiração benjaminiana que “escrever uma história significa atribuir aos anos a sua fisionomia” (BOLLE, 1994, p.40). Assim, a intenção foi de cenarizar fisionomias que marcaram o cotidiano da Nação, tomando a cidade do Rio de Janeiro como metonímia do Brasil. Especialmente na lida com as falas dos narradores a idéia foi a de privilegiar a escuta de modo a fazer aflorar o diálogo com outras fontes trabalhadas e a contrastação entre falas.

É bem verdade que conforme lembra Bosi “não basta a simpatia (sentimento fácil pelo objeto da pesquisa)... e a autora prossegue, como que a fornecer pistas para a conduta aqui adotada

nesta pesquisa fomos sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças (BOSI, 1994, p.38)

Lembranças, aliás, de histórias “enredadas em histórias” (RICOEUR, 2007, p.173). Nos longos enredos (apesar dos inúmeros enxugamentos e compatibilizações) buscamos na escuta elementos para uma narração na convicção de que “no narrado fica a marca do narrador, como a impressão da mão do oleiro sobre o pote de argila” (BENJAMIN, 1975, p.40).

Mas não seria o caso de nos estendermos nestas anotações finais. Ao deixar falar os narradores, mote desta apresentação, a operação aqui não se encerra, pois, para nós, e esperamos para os leitores, fica a reverberação que ecoa do entrecruzamento entre falas. Experiências comuns mostraram sujeitos interpelados em vários momentos por lembranças análogas da infância e da juventude, filiando-se à mesma rede de sentidos,

ainda que com palavras diferentes, uma “intertextualidade das semelhanças” como lembra Sant’Anna (SANT’ANNA, 1988, p.28).

Parceiros que optamos por escutar, como se viu *puxando prosa*, oportunidade para ouvir experiências cotidianas e aprender. Por certo não as tomamos como decalques, mas antes como representações embebidas de significações imaginárias (CASTORIADIS, 1982, p.399). Não seria o caso de descrevê-las, rephraseá-las ou esmiuçá-las pois lhes basta a condição de *montra*, vitrine objetivando máxima visibilidade.

Aportamos da viagem, identificando-nos com o perfil desenhado por:

Aventureiro e trabalhador. Garimpeiro e metódico administrador de lavras: de tudo um pouco deve ter quem é levado a trabalhar com e para a História da Cultura deste país. Ganhando de quebra, prazeres e espantos que acompanham o aleatório que ainda pode, por estas plagas, marcar a pesquisa (MEYER, 1993)

Neste sentido, o ponto final pode aqui representar um porto a mais. Nele, ventos que sopram de um núcleo de memórias que reverberam no tempo presente e se tecem na dialética do lembrar-esquecer compondo as falas dos narradores.

Tempo-presente, entrecruzamento de temporalidades, recorte temporal cujo entendimento encontra em Jean-Pierre Rioux, talvez a melhor definição: “um vibrato inacabado que anima repentinamente todo um passado, um presente pouco a pouco aliviado do seu autismo, uma inteligibilidade perseguida fora das alamedas percorridas – é um pouco isto a história do tempo presente. (1999, p.50)

Aos nossos narradores, convocados ou não para esta apresentação, mas presentes na tese que a ensejou, seremos sempre gratos pela parceria.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BASTOS, Fernando. *Mito e filosofia. Eudoro de Souza e a complementaridade do horizonte: sobre uma ontoantropologia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Vol. I. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BLOM, Philipp. *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p.219.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora a Universidade de São Paulo, 1994.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CATROGA, Fernando. “Memória e história”. In: Sandra Jatahy Pesavento (org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CLIFFORD, James. “Colecionando arte e cultura”. In. *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, nº 23/1994.

- GORBERG, Samuel. *Estampas Eucalol*. Rio de Janeiro: Samuel Gorberg, 2000.
- HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.
- MELLO, Maria Thereza Negrão de. “Qué qui tu tem, canário: Cultura e representação no repertório de Xangai”. In Cléria Botelho da Costa e Maria Salette Kern Machado.(orgs.) *Imaginário e História*. Brasília: Paralelo 15, 1999.
- MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- MORIN, Edgar. *O Método III – O conhecimento do conhecimento/I*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.
- RIOUX, Jean-Pierre. “Pode-se fazer uma história do tempo presente”? In. A Chaveau e Ph. Tétard, (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- RIZZO, Wagner A. Fina(s) estampa(s): o suporte representacional das Estampas Eucalol na encenação cotidiana brasileira e na memória publicitária nacional: 1ª metade do século XIX – tempo presente. (Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, 2009).
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & Cia*. 3.e.São Paulo: Ática, 1988.
- SAROLDI, Luiz Carlos. *Rádio Nacional: o Brasil em sintonia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.